

MARÇAL BEZERRA

POEMAS SOB  
*pontes*

CULTURA



Edições  
Governo do Estado



---

© Marçal Bezerra, 2013

EDITOR Antônio Ausier Ramos

COORDENAÇÃO EDITORIAL Jeordane Oliveira de Andrade

CAPA E PROJETO GRÁFICO Ângelo Lopes

FINALIZAÇÃO Gráfica Moderna

REVISÃO Sergio Luiz Pereira

NORMALIZAÇÃO Ediana Palma

PROJETO EDITORIAL - VERSÃO ELETRÔNICA Luiz Felipe | Karla Colares

---

B574p Bezerra, Marçal.

Poemas sob Pontes / Marçal Bezerra. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2013.

166p. ; 15x21cm.

ISBN 978-85-64218-41-3

1. Literatura Brasileira. 2. Poemas. 3. Amazonas. I. Título.

CDD 869.1

CDU 821.134.3(81)-1

---

# Apresentação

Depois de 37 (trinta e sete anos) lanço “Poemas sob pontes” resultado de muito trabalho, escrevendo, lendo e observando o mundo.

Não vejo possibilidade de considerar que houve evolução mas amadurecimento com uma visão plástica de uma poesia que pode ser uma pintura, uma visão realista – surrealista de um universo em mudança. Somos pequena fagulha no cosmo, ser-querendo-manifestar-se, algo pequeno mais que busca uma fresta, o novo surgindo do nada-criativo.

É possível preservar a metáfora, com a visão singular de Fernando Pessoa, Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira ou Kalil Gibram quando declara “na vontade do ser humano, há um poder de desejo que transforma nossa escuridão em sol...”

Entrego “Poemas sob pontes”, quero criticas do leitor, que a poesia seja a oração escrita, pintada e declarada.



1

## *Prazer de existir*

Sinto o corpo volátil derreter-se  
Cruzadas nas palmas da mão.  
É o absurdo enlaçando-me.  
Doce-amargo-cabeludo  
São noites-quase-alvorada  
Berrando o leite do prazer.  
O gozo voa pela dose dupla.  
Há casais movendo-se  
Ao longo dos igarapés e melados  
Na intransponível suruba.  
Por veredas, descaminhos,  
Viaja a volátil ternura.  
Algo de todos nos vem à tona  
Sem preconceitos, o animal-selvagem  
Habita além da praia,  
Da corrente sanguínea, o projeto,  
Toda a vida cercada.  
Você e ele seguem o filete,  
A indefinição dos loucos,  
Da janela escancarada.  
A solidão chega ao cais.  
Você se diz a beleza, a inocência.  
Os lagos estão vazios.  
O coração nasce da masturbação.  
A luz vara a escuridão  
Do eu, do teu, do nós...

*Reflexos de 1990*

Através da metáfora chego ao limiar,  
Aos confins da miragem,  
Bem à beira-dos-lábios-caboclos.  
Sejas qualquer coisa,  
Uma dose quántupla  
Deste atrevimento  
Rola pelo 10.º andar, e deita  
Em celestial  
Crispa de doces paus, cus, bocetas,  
Seios e músculos do macho.

Pelo meio, entre seis olhos  
Você, a inspiração, a realidade,  
O outdoor cinzento  
No suor da abelha-rainha transpira  
Toda despida na roupa transversal.  
Poente, o punhado solar,  
A neve em gotas penduradas e a  
Visão na imensidão do nada.

Vielas, crimes, desamor, a pressa,  
O apartamento,  
Conversa de lixo, besteiras,  
Duas horas do limites de ser.  
O sexo mesquinho, o nada,  
O vácuo-nada  
Que se deposita no 10.º andar.  
“Como foi bom”.

*Azul-breu*

Flores do espírito, da inspiração  
Atravessam o encontro-das-águas

Olho eu pela miragem  
A “despedida” de Goeldi.  
O relógio. A praça. O poente.  
O tempo de ir, de achar, partir.  
É a vazante do rio negro,  
São caboclos-vazando  
Suar, frustrações, esperanças.

A vida secou tal o Amazonas.  
Na pedra-tumular as flores,  
A ausência.  
Ancorado a cabeça, pele, mãos  
A pena-asas de poetas e músicos,  
De Pablo Neruda a Geraldo Vandré.  
Enquanto isso:  
O jardim estará parindo a ternura.  
Os peixes morrerão nas poças-prisão-  
Desespero.  
Homens e mulheres ainda vivem  
E matam.  
Olhos, o lado além da miséria  
Humana.  
As águas-de-olhar-vendado  
São naufragos do sonho esperado.

*Retrato de um homem*

Imagens de homem, Van Gogh,  
O caboclo raimundo,  
A bela cunhantã maria,  
O feio-belo-morto  
Do mundo fendado no barranco.

Tenho berros presos no ateliê.  
Aqui fora a música é feita  
De desejos, prazer  
Lá por cima o grito vara  
As barrigas vazias.  
O cinzento, o desespero,  
Varrem a esperança dos loucos,  
Do trabalhador.

Inauguro o vermelho-revolução-suicida.  
Pensamento-realidade-frustração  
Correm entre veias, sobem aos poros  
Como águas que levam  
Móveis, animais, gente.  
Se nada tenho, nada perdi.

Estou só tal noite de temporal  
Ratos, lama, excremento, fedor  
Imagens da tragédia,  
De uma sapolândia de manaus,  
De seres espaciais, divinos e humanos.

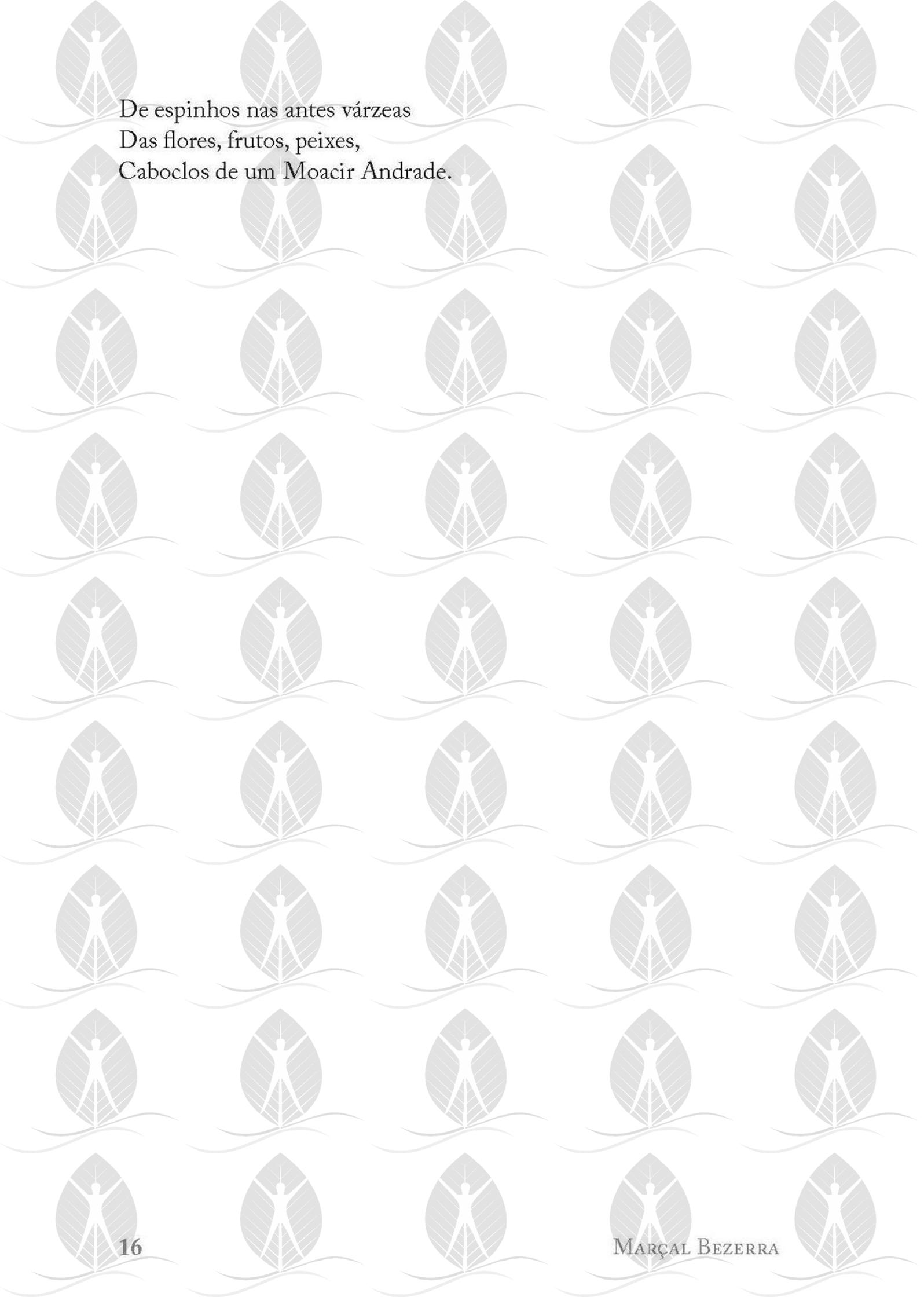
## *Reverendo o passado*

Coração. Ruas. Cidades.  
O limiar do naufrago implodiu nas águas.  
Te sentas à porta e abandonado  
Teus projetos  
São naturezas mortas.

Não há começo, o fim é o topo-poente.  
Bem abaixo vejo toda a vida,  
Na nudez total do sexo explícito.

Torre de papel. Aterro sanitário.  
Cenário entregue ao chão,  
Restos de vida,  
Um portão fechado aos deuses.  
O lixo humano é trepadeira  
Em seres das cachoeiras do tarumã  
Gemidos e vozes  
Nas cataratas do niágara.

Vinho. Ternura. Desencontro.  
A água, o sangue da prostituta  
Corta a vida em garrafas,  
Palavrões e gritos do abortado.  
Minha amiga é o traço  
Leve da ternura-amor-loucura.  
Invadem-me o deserto, as areias



De espinhos nas antes várzeas  
Das flores, frutos, peixes,  
Caboclos de um Moacir Andrade.



## **AVISO**

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330  
FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**



**Secretaria de  
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**